

O CATOLICISMO HERÉTICO DE MURILO MENDES ATRAVÉS DAS CARTAS INÉDITAS (1930-1953) ESCRITAS PARA ALCEU AMOROSO LIMA

RAPHAEL SALOMÃO KHÉDE
Rio de Janeiro State University
raphaelsalomao@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-3736-2526

RESUMO

No acervo do poeta no Museu Murilo Mendes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), estão preservados 50 documentos, entre os quais, 39 cartas, três telegramas, quatro bilhetes e três cartões postais escritos por Murilo Mendes para Alceu Amoroso Lima, entre 1930 e 1974. A correspondência se caracteriza por dois aspectos principais entrelaçados entre si: a complexa religiosidade do autor e o envio de poemas por parte de Murilo para aquele que, ao mesmo tempo em que foi o primeiro a escrever oficialmente sobre a sua obra, era também considerado o maior crítico literário daquele momento.

PALAVRAS-CHAVE: Murilo Mendes, Alceu Amoroso Lima, correspondência, poesia, religião.

EL CATOLICISME HERÈTIC DE MURILO MENDES A TRAVÉS DE LES CARTES INÈDITES (1930-1953) ESCRITES PER ALCEU AMORÓS LIMA

RESUM

A la col·lecció del poeta al Museu Murilo Mendes, a la Universitat Federal de Juiz de Fora (UFJF), es conserven 50 documents, entre els quals 39 cartes, tres telegrams, quatre entrades i tres targetes postals escrites per Murilo Mendes per Alceu Amoroso Lima, entre 1930 i 1974. La correspondència es caracteritza per dos aspectes principals entrelaçats entre si: la complexa religiositat de l'autor i l'enviament de poemes per part de Murilo per a aquell que, al mateix temps que va ser el primer a escriure oficialment sobre la seva obra, era també considerat el major crític literari d'aquell moment.

PARAULES CLAU: Murilo Mendes, Alceu Amoroso Lima, correspondència, poesia, religió.

MURILO MENDE'S HERETICAL CATHOLICISM THROUGH THE UNPUBLISHED LETTERS (1930-1953) WRITTEN TO ALCEU AMOROSO LIMA

ABSTRACT

In the poet's collection at the Murilo Mendes Museum, at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), 50 documents are preserved, including 39 letters, three telegrams, four notes and three postcards written by Murilo Mendes to Alceu Amoroso Lima, among 1930 and 1974. The correspondence is characterized by two main intertwined aspects: the author's complex religiosity and Murilo's sending of poems to the one who, at the same time as he was the first to officially write about his work, was also considered the greatest literary critic of that time.

Data de recepció: 06/v/2024
Data d'acceptació: 03/ix/2024
Data de publicació: desembre 2024

KEYWORDS: Murilo Mendes, Alceu Amoroso Lima, correspondence, poetry, religion.

1. INTRODUÇÃO

No acervo do poeta no Museu Murilo Mendes, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), estão preservados 50 documentos, entre os quais, 39 cartas, três telegramas, quatro bilhetes e três cartões-postais escritos por Murilo Mendes (1901-1975) para Alceu Amoroso Lima (1893-1983), entre 1930 e 1974. De Alceu para Murilo há somente duas cartas preservadas. Devido à extensão e à riqueza do material presente nas cartas, considerou-se necessário dividir o trabalho em duas etapas. Neste primeiro momento, serão levadas em consideração as cartas escritas, entre 1930 e 1953, período antecedente à transferência, em 1957, para a Itália, do poeta e sua esposa, Maria da Saudade Cortesão Mendes (1913-2010). É interessante notar como Murilo e Alceu viviam na mesma cidade (Rio de Janeiro), fato que não os impedia de conceber a correspondência como um espaço ideal para a troca intelectual, onde afloram incertezas, pedidos de ajuda, mágoas, ressentimentos e declarações de ordem pessoal e, sobretudo, de ordem literária.

É necessário levar em consideração a instabilidade da “forma” das cartas, seu caráter de gênero híbrido, o qual mantém relações com a crônica, o romance, a poesia e assim por diante. Conforme apontou Júlio Castañon Guimarães, a correspondência de um autor, em geral, é uma espécie de testemunho sobre

cada uma de suas obras: sobre sua gênese, sobre sua publicação, sobre a acolhida do público e da crítica e sobre a opinião do autor a seu respeito em todas as etapas de sua história. (Guimarães 2004: 10)

Dentre tantos temas relevantes, o material desta correspondência se caracteriza por dois aspectos principais entrelaçados entre si: a complexa religiosidade de Murilo e o envio constante de poemas para aquele que, ao mesmo tempo em que foi o primeiro a escrever oficialmente sobre a obra do poeta, era também considerado o maior crítico literário daquele momento. Alceu Amoroso Lima foi o primeiro a analisar a obra de Murilo, numa nota de rodapé em *O Jornal* (RJ), em 1930. Na época, sua autoridade na vida literária era enorme, conforme aponta Leandro Garcia Rodrigues:

A maioria dos escritores brasileiros da primeira metade do século XX se correspondeu com Alceu Amoroso Lima, que, entre as décadas de 1920-1950, foi o principal crítico literário brasileiro, tendo exercido grande influência sobre a intelectualidade de então. Escrever a Tristão de Athayde, seu famoso pseudônimo literário criado em 1919, era uma tentativa de o escritor brasileiro de então conseguir “um lugar no sol” no mundo literário. (Rodrigues 2023: 223)

Murilo, ao longo de sua trajetória, publicou diversos textos onde a temática teológica é explícita desde o título: *O Sinal de Deus* (escrito em 1936, e publicado em 1994), *Quatro textos evangélicos* (1984), *O Discípulo de Emaús* (1945). Embora a

religião atravessasse toda a obra de Murilo Mendes —sobretudo após a sua conversão ocorrida em 1935—, ela pareceu passar despercebida ou mal-entendida pela crítica. Há casos mesmo de incompreensão desta temática, como resulta na primeira resenha a respeito do livro *Tempo e eternidade* (1935), escrito em parceria por Murilo Mendes com Jorge de Lima. Em “Poesia eterna”, publicado em *O Jornal*, no dia cinco de abril de 1935, José Mariz de Moraes chama a atenção para o catolicismo de Murilo, não como escolha estética, mas como um valor moral relacionado ao homem antes que ao poeta:

Murilo Mendes era —ou se dizia— comunista. Sua fisionomia exterior é oposta à do seu companheiro de poesia. Mais esquizoide que Jorge de Lima, cultivou, apesar disso, todas as tendências para o grotesco. Hoje a prática religiosa fez do antigo cômico um dos homens mais equilibrados do Brasil. (Moraes 1935: 3)

Em artigo de 1939, “A poesia em pânico”, Mário de Andrade já havia apontado o lado herético do catolicismo de Murilo, ao analisar a religião nos poemas de *A poesia em pânico* (1937):

Além de um não raro mau gosto, desmoraliza as imagens permanentes, veste de modas temporárias as verdades eternas, fixa anacronicamente numa região do tempo e do espaço o Catolicismo, que se quer universal por definição. Neste sentido, o catolicismo de Murilo Mendes guarda a seiva de perigosas heresias. (Andrade 1946: 42)

O próprio Murilo manifestou em diversas ocasiões sua concepção de um catolicismo preocupado com questões de ordem social. No artigo “Cristo companheiro”, publicado no jornal *A Manhã*, em 24 de dezembro de 1944, o poeta escreve:

O Cristo é o mestre da liberdade. É muito instrutivo acompanhar esta ideia em diversas passagens do Evangelho. O Cristo não impõe sua doutrina pela força, não emprega o aparelhamento cenográfico tão ao gosto de certos ditadores antigos e modernos —principalmente modernos, pois que usam todos os prestígios da técnica para hipnotização das massas. Na sua vida de comunidade com os apóstolos não existe nem sombra de constrangimento ou tirania. Ele declara que quis reunir num só bloco todos os filhos de Jerusalém, mas esta não quis. Ele não a força. O Cristo é mestre da liberdade. (Mendes 1944c: 4)

Recentemente, ocorreu uma nova discussão sobre esse tema, ao se colocar em relação o catolicismo de Murilo Mendes com suas escolhas estéticas, em particular com o surrealismo e com a crítica social. Segundo Júlio Castañon Guimarães,

a poesia que Murilo apresenta sob a divisa “Restauremos a poesia em Cristo” não deixa de se abrir para uma realidade que é também objeto de preocupações de caráter social e político. (Guimarães 1993: 45)

Castañon aponta para a posição social e política antiliberal, para a crítica ao sistema capitalista realizada por Murilo, o qual

encara a necessidade de uma reforma social com base em valores católicos e uma poesia que venha a ser não um “folclore religioso”, mas a manifestação de valores eternos da vida. (Guimarães 1993: 43)

Para Murilo Marcondes de Moura, a religiosidade de Murilo Mendes manifestava-se sempre

como desejo utópico de totalidade e abrangência, e, com raríssimas exceções, nunca se mostrou de posse de qualquer verdade dogmática, consumindo-se, ao contrário, na exploração, que se sabia aproximativa, de outras possibilidades da experiência humana. (Moura 1995: 49)

Nesse sentido, é importante sinalizar, na relação entre poesia e religião presente nas cartas, a referência, logo na primeira missiva, ao “essencialismo” e à figura de Ismael Nery (1900-1934). Entre 1946 e 1949, Murilo Mendes escreveu artigos, com veia fortemente autobiográfica, nos jornais *Estado de S. Paulo* e *A Manhã*, sobre o amigo e pintor Ismael Nery, que o teria introduzido ao surrealismo após seu retorno de Paris, em 1927, onde fez conhecimento pessoal com alguns escritores e pintores surrealistas. Nery o teria também convertido, segundo as palavras de Murilo, ao catolicismo: conversão que concilia no poeta mineiro, contraditoriamente, “tendências anarquistas” com “uma religiosidade latente”:

Quanto a mim, achava que eu deveria me converter ao catolicismo, para o qual me considerava muito inclinado, apesar da minha rebeldia e das minhas tendências anarquistas. Tudo em mim, dizia ele, indicava o homem religioso. Houve uma época em que eu escrevia sempre “epigramas” anti-religiosos, demonstrando com isto, de resto, sem saber, minha religiosidade latente. (Mendes 1996: 37)

Ismael Nery, segundo Murilo, teve influência direta sobre alguns de seus textos:

De fato, uma parte do meu primeiro livro, a que chamei, salvo engano, *Poemas sem tempo* (não tenho o volume à mão), bem como diversas peças d’*O visionário*, nasceram das contínuas conversas de Ismael sobre sucessão, analogia e interpenetração de formas e ideias a que ele tentou dar vida plástica em vários desenhos e quadros. (Mendes 1996: 30)

O “essencialismo” seria uma espécie de concepção filosófica, criada por Ismael Nery e divulgada em poesia por Murilo Mendes, que professava a abstração do espaço e do tempo em direção à universalidade da arte, segundo as palavras do próprio poeta em 1948:

Era o essencialismo, baseado na abstração do tempo e do espaço, na seleção e no cultivo dos elementos essenciais à existência, na redução do tempo à unidade, na evolução sobre si mesmo, para descoberta do próprio essencial, na representação das noções permanentes que darão à arte a universalidade. (Mendes 1996: 65)

É importante destacar que Murilo, em diversas ocasiões, apontou para o fato de que se sentia um franco-atirador, livre de modismos, tendo manifestado, em algumas ocasiões, que não pertencia a grupos e não aderira a manifestos.¹ O poeta frequentemente se declarou antifascista,² conforme a entrevista concedida ao jornal *A Manhã* em catorze de maio de 1944, cujo título era “Um ‘político da poesia’ e os problemas do homem e da criação intelectual”. O texto é importante, porque nele o poeta reflete sobre a relação entre religião e ideologia no plano artístico:

Se prevalecer no Brasil uma corrente que condena a preocupação com os problemas metafísicos, teremos muito o que temer pelo futuro da cultura brasileira. É evidente que muitos e importantes problemas se acham relacionados com a economia, sem que isto lhes tire o seu aspecto metafísico. Um escritor deve ser livre de poder realizar uma obra artística de acordo com as disposições do seu sentimento, da sua cultura e do seu temperamento. O que não pode é bitolar sua personalidade dentro das injunções dos programas e partidos políticos. Considerando a luta que se desenvolve atualmente no mundo, é claro que a única posição decente é antifascista, porque o fascismo é uma doutrina desumana que mutila a estrutura do indivíduo e suprime justamente as liberdades que eu reivindico. (Mendes 1944a: 6)

Nesse sentido, o catolicismo de Murilo está imbuído de crítica social e de uma abrangência investigativa no plano do transcendental, conforme apontou Luciano Cavalcanti (2021). Seguindo tal perspectiva, a presente leitura das cartas do poeta busca investigar a relação não dogmática do catolicismo com a crítica social na sua obra inicial.

¹ Por exemplo, no retrato-relâmpago “André Breton” (1973), Murilo reconstruiu a sua adesão não ortodoxa ao surrealismo: “Eu e mais alguns poucos descobríamos no Rio o surrealismo. Para mim foi mesmo um *coup de foudre*. Claro que pude escapar da ortodoxia. Quem, de resto, conseguiria ser surrealista em regime de *full time*? Nem o próprio Breton. Abracei o surrealismo à moda brasileira, tomando dele o que mais me interessava: além de muitos capítulos da cartilha inconformista, a criação de uma atmosfera poética baseada na acoplagem de elementos díspares” (Mendes 1994: 1238-1239). Numa carta a Laís Corrêa de Araújo, escrita em Roma, em 9 de abril de 1969, Murilo sublinha o fato de não ter pertencido a “programas” e “manifestos”: “Eu tenho sido a vida toda um franco-atirador. Procuro obedecer a uma espécie de lógica interna, de unidade apesar dos contrastes, dilacerações e mudanças; e sempre evitei os programas e manifestos” (Araújo 2000: 191).

² No artigo “Cristo e tradição”, publicado no jornal *A Manhã*, em dez de junho de 1944, Murilo escreveu: “Sem dúvida alguma, os cristãos devem obedecer aos poderes constituídos: isto está escrito. Mas também está escrito que é melhor obedecer a Deus que aos homens (Esta palavra é muito menos lembrada do que aquela). Quando os quadros sociais tornam-se anacrônicos, esvaziando seu conteúdo histórico, para que conservá-los em nome da tradição cristã? Será que Hitler, Mussolini, Hirohito, Franco etc etc se interessam em transmitir às gerações futuras as nossas grandes tradições dos sacrifícios litúrgicos de Abraão e Moisés, a Lei evangélica e a Eucaristia, isto é, os elementos essenciais do catolicismo clássico? Quanto a mim, não há demônio que me meta isto na cabeça” (Mendes 1944b: 4).

2. CARTAS 1930-1953

Na primeira carta do dossiê, a do dia vinte e sete de dezembro de 1930, enviada de Pitangui, em estilo telegráfico, próximo ao da escrita automática surrealista, Murilo toca em um dos temas principais do epistolário: a relação entre catolicismo e crítica social. O poeta mineiro se refere explicitamente ao “essencialismo”:

Si³ noticia suas próximas conferências. Venho pedir obséquio mandar resumo mesmas dificuldades jornais aqui só aparece *O Jornal*. Questão social operária política me interessa bastante evidentemente não posso examinar rigor técnico de resto procedo tão altos assuntos abstração tempo perspectiva método essencialista julgando desastres desgraças humanas imprescindíveis construção servem equilíbrio humano. (Mendes 1930)

A carta do dia vinte e sete de fevereiro de 1931, de Pitangui, Murilo comenta o artigo que Alceu havia escrito a respeito de seu primeiro livro de poesia. O poeta cita também o artigo de Agrippino Grieco,⁴ o qual, segundo ele, censurara a irreverência do seu livro de estreia.⁵ Em particular, o poeta mineiro se detém sobre os poemas-piada, uma das características de sua poética que mais chamou a atenção da crítica.⁶ Murilo promete enviar dentro de poucos dias outros poemas para o crítico e menciona um novo livro no prelo e a redação de um texto intitulado *Zona*, que seria destinado à leitura dos amigos, mas que foi somente esboçado. A carta é interessante porque, nela, o poeta se refere a dois elementos constantes em sua poética: o tom humorístico de crítica social e a atmosfera apocalíptica:

Li o seu artigo que me confortou sobremodo —não tanto pelos elogios que contém— mas pela justeza de certas observações. Você disse o essencial sobre o meu livro. É claro que, si você dispusesse de mais espaço, poderia entrar em maiores detalhes mas dentro daquelas reduzidas duas colunas você tinha mesmo que espremer seu pensamento. Vejo que você me toma a sério, o que para mim é muito importante: não vê no sujeito dos *Poemas* um jogral nem um mistificador —mas sim um indivíduo dissociado, mas que se esforça por

³ Na transcrição, foi mantida grafia originária.

⁴ Em *O Jornal*, no dia 22 de fevereiro de 1931, Agrippino Grieco publicou o artigo intitulado “Dois poetas”, em que analisa os livros de estreia de Murilo, *Poemas 1925-1929*, e de Drummond, *Alguma poesia*.

⁵ Em certos pontos do livro, segundo Grieco, Murilo cai “no artifício da ingenuidade” (Grieco 1931: 5).

⁶ No ensaio “A poesia em 30” (1931), em relação a *Poemas 1925-1929*, Mário de Andrade utiliza o termo “gavroche” para descrever o tom zombeteiro e irreverente dos poemas de Murilo: “É inconcebível a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissível no gavroche carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices” (Andrade 1972: 43). Luciana Stegagno Picchio definiu o livro de estreia de Murilo da seguinte maneira: “uma espécie de ascensão do cotidiano ao universal, do poema-piada de uma motejadora neotradução modernista, fixada no seu tempo e no seu espaço carioca” (Stegagno Picchio 1994: 1605).

atingir uma ordem. Já o mesmo não viu, por exemplo, o Agrippino Grieco —cujo artigo, aliás, me serviria mesmo muito se eu pretendesse forçar a atenção do público— o que não é o caso de um sujeito que publica um livro sem nenhum aviso, e tira só 200 exs., sendo 100 fora do comércio. O Grieco censura minha irreverência, como se o livro todo fosse em tal tom. Entretanto, é só uma parte, e um pouco da 2^a —poemas, aliás, q. eu introduzi ali mais para documentação; como é fácil verificar (a data da composição está indicada no frontispício)— os tais poemas-piada foram escritos em 1925. (Mendes 1931)

Na continuação da carta, Murilo indica dois elementos fundamentais de sua poética, ao longo de toda a sua trajetória: o tom debochado, utilizado como crítica social, e a atmosfera apocalíptica, cujos motores são a estética surrealista e o transcendentalismo católico. Na carta, Murilo se refere a um livro, que nunca publicou (*Zona*), e ao envio de poemas, prática realizada por ele, também, com outros interlocutores modernistas, como Mário de Andrade ou Carlos Drummond de Andrade:

Aliás, não abandonei tais manejos —exercito sempre assuntos ligeiros, que é para não ficar muito pesado na horinha do apocalipse. Tenho horror às comadres, arranjos etc— se lhe mando dizer tudo isto, é porque vou dizer o mesmo, e mais ainda, por estes dias, ao Grieco —que tem, aliás, algumas anotações muito certas no s/ artigo. Espero c/o meu próximo livro, que está entrando para o prelo, afastar a queixa, justa, da monotonia dos temas e da técnica fatigante —e não desmerecer a confiança de meia dúzia de sujeitos a cuja opinião dou apreço, e entre os quais se conta você, naturalmente. Escrevi-lhe há tempos, pedindo resumos das s/ conferências. Você não respondeu —e não estranhei, porque não ignoro o quanto você é ocupado. Por estes dias lhe mandarei cópia de alguns de m/ poemas recentes —hoje estou com preguiça, mando só esta glosa humorística do s/ excelente artigo, e uma página do m/ livro, já pronto— “Zona”; a redação deste é especial pa. os amigos. (Mendes 1931)

Na carta do dia vinte e três de março de 1931 de Pitangui, Murilo fala a respeito de seu posicionamento ideológico e de seus livros em fase de preparação. O poeta enviou para o crítico dois textos, inéditos, intitulados “Identidades de elementos” e “Escolhas”, os quais permaneceram inéditos. O poeta mineiro se demonstra insatisfeito com os diversos manifestos políticos apresentados na época, e considera que sua maior contribuição política se realizaria, de fato, no plano estético:

No mês passado escrevi-lhe uma carta. Uma revista do Rio publicou uma notícia s/ meu livro: “livro notável, apesar de elogiado por Tristão de Athayde”. Isto é um índice do tempo. O Brasil suicida-se. Basta abrir um jornal pra se ficar arrepiado. Neste sossego mineiro tenho refletido sobre a atitude dos intelectuais em face do caso brasileiro. Pensei mesmo em me enfiar em algum movimento sério. Fiquei esperando os programas e manifestos. O de S. Paulo é ridículo, atrasado e literário. O de Minas é mais equilibrado, mas platônico. Ficarão os intelectuais do Brasil reduzidos à situação de “clérigos” que traíram. Ainda pra se julgar isto com segurança seria preciso definir o conceito de ação. Quanto a mim acho que ação pode implicar romantismo. O espírito romântico é o de desordem e revolução. O espírito clássico pede ordem. Este século é profundamente romântico. Há certas atitudes contemplativas muito fecundas. Se eu conseguir escrever um grande poema, terei trabalhado mais para o Brasil, do que se fosse na praça pública pregar

liberalismo etc, à multidão. Para qualquer classe que me transfira, serei infeliz. Mando-lhe duas amostras do m/ novíssimo livro —“Identidade de elementos” e “Escolher”. Os outros não fazem parte. Queria lhe dizer mais coisas hoje, mas tenho de sair, estou com pressa. (Mendes 1931)

Em dezesseis de janeiro de 1935, Murilo escreve para a direção da *Coluna do centro* de *O Jornal*, apresentando sugestões e preocupando-se com a relação entre católicos e esquerdistas. O poeta inicia a sua reflexão ao comentar um artigo de Alcebiades Delamare, intitulado “Problema do comunismo”, publicado no dia treze de dezembro de 1934:⁷

Tenho colhido, em rodas intelectuais, impressões sobre a “coluna”. Um ponto imediatamente salta à vista: a maneira como certos colaboradores se referem à Rússia soviética e ao comunismo, atraindo, já não digo a antipatia, mas o ridículo sobre os católicos. Numa época em que publicações dirigidas por padres, como *Sept*, *La vie intellectuelle* etc examinam com serenidade a experiência russa, aceitando mesmo certos postulados no campo da economia, interpretando como aventura mística a revolução russa, torna-se grotesco achincalhar os homens e coisas da Rússia com expressões grosseiras e despropositadas,⁸ como as que deparamos, p. e., no artigo “Problema do comunismo” do senhor Alcebiades Delamare. (Mendes 1931)

Na continuação da epístola, Murilo aprofunda a sua reflexão sobre a necessidade de uma maior sensibilidade, nos meios católicos brasileiros da época, em relação às ideias fundamentais da ideologia comunista:

Tal orientação vai aumentar a separação entre católicos e esquerdistas, o “parti-pris” em relação à Igreja, e não pode ser aprovada pelos católicos que desejam tirar lições de todas as experiências humanas, e que sabem que Deus escreve direito por linhas tortas. Acho igualmente condenável a atitude de certos intelectuais católicos (?), como, p. e., o dr. A. F. Schmidt (aliás, fora da “Coluna”), que vive clamando o seu amor imenso pela Rússia, enfim, fazendo ponte para o comunismo. A única atitude possível, a meu ver, consiste em examinar com espírito de equilíbrio os problemas ligados ao comunismo e à Rússia soviética, procurando demonstrar com argumentos, —quem os tenha— e não com xingamentos que só deixam transparecer despeitos ou incultura, não quero insinuar que se risquem da “Coluna” esses colaboradores; apenas, acho que o Alceu poderá convidá-los à sua presença e expor às razões da sua reclamação, a fim de que todos sirvam a causa católica. Porque, no momento, estou certo que estão desservindo. Se o Alceu —individualmente— mas como líder católico —não deseja alienar as simpatias que tem nos meios esquerdistas, procure melhorar, com o prestígio de que goza, a orientação da “coluna”, do contrário cairá a mesma no ridículo total. Não queremos afastar ninguém, e

7 Alcebiades Delamare foi professor de Economia política da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil (atual UFJF). Sobre seu posicionamento político, Lúcia Lippi escreveu: “Uma variante do nacionalismo católico, representada por Alcebiades Delamare e pela Ação Social Nacionalista, entra na luta político-ideológica e contribui para a identificação entre o anarquismo e o estrangeiro. Este foi, certamente, um dos pilares sobre o qual se organizaria o integralismo no Rio de Janeiro nos anos 30” (Lippi 1990: 192).

8 No artigo, Delamare escreveu: “Só esse Cristianismo poderá resolver o tremendo conflito de que se aproveita o comunismo pra insuflar e acalantar o espírito de ódio, de vingança e cobiça sobre que erigiu a famosa tese da ‘luta de classes’” (Delamare 1934: 3).

sim atrair. Noto também que há outros colaboradores que examinam com maior serenidade a questão social, mas com que candura! (Mendes 1935)

Há uma carta de dezoito de fevereiro de 1936 de Juiz de Fora dirigida aos amigos da Ação Católica, na qual o poeta afirma que pretende voltar para o Rio de Janeiro no final de março para assistir a semana santa no mosteiro de São Bento. Há uma carta, escrita no dia oito de março de 1936, de Juiz de Fora, na qual Murilo comunica ao crítico que estava lendo seus dois últimos livros.⁹ A carta é interessante porque dá indicações sobre a religiosidade de Murilo, para o qual o mistério é um fator determinante, em contraste com a “clareza do dogma”. Neste ponto, transparece a relação do catolicismo com o surrealismo:

Pax Chrístí. Então como vai você? sempre na lida não é? Vim passar algumas semanas aqui, à procura dessa coisa metafísica que é o “clima de Minas”. Ainda não o encontrei, mas acabo encontrando. M/ vida espiritual de vez em quando sofre colapsos. A excessiva clareza dos dogmas do catolicismo me impede de mergulhar no mistério; e eu preciso continuamente de mistério. Ando relendo os seus dois últimos livros. O que mais aprecio nesses artigos não é a variedade dos assuntos dentro de uma única orientação —nem a abundância das informações— e sim o seu grande e intenso amor à Igreja Católica, essa coisa tão renegada, tão mal compreendida, e, sobretudo, tão única e formidável —a igreja católica. A igreja transparece continuamente através dessas páginas, impõe a todo instante a sua presença— e, a meu ver, é o que lhe dá o máximo interesse. Fico pensando: quando é que você terá 40 dias de isolamento e de lazeres para escrever o grande livro, menos sujeito às contingências do jornal e da polêmica, que nós esperamos de um católico tão profundo e extenso como você? É o que peço a Deus neste domingo onde devemos viver a transfiguração. Pretendo ficar aqui até o fim do mês, a tempo de pegar a Semana Santa em S. Bento. (Mendes 1936)

Muito citado nas cartas é o Centro Dom Vital (CDV), fundado por Jackson de Figueiredo, em 1922, no Rio de Janeiro. Segundo Leandro Rodrigues Garcia (2023: 226), era um centro de intelectuais católicos pertencente à Arquidiocese do Rio de Janeiro, cuja ação pastoral se destinava aos meios mais abastados da sociedade, bem como artistas, políticos e o mundo intelectual como um todo. Sua sede era na praça XV de Novembro, no coração da antiga capital federal, e a ele se filiaram figuras como Jorge Amado, Augusto Frederico Schmidt, Jorge de Lima, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Ismael Nery e o próprio Murilo Mendes, dentre outros. O CDV expandiu-se para outros estados do país, principalmente Minas Gerais, que recebeu suas filiais em Juiz de Fora, São João del-Rei, Ouro Preto, Cataguases, Belo Horizonte. Nas cartas de Murilo, há constantes referências, também, à revista *A Ordem*, criada, em 1921, por iniciativa de Jackson

⁹ Não dá para ter certeza de quais livros se trata. Murilo possuía em sua biblioteca 14 volumes de Alceu nas seguintes edições: *A estética literária e o crítico* (1954), *A evolução religiosa de Joaquim Nabuco* (1949), *A Igreja e o novo mundo* (1943), *A vida sobrenatural e o mundo moderno* (1956), *Estética literária* (1945), *Introdução à economia moderna* (1961, 2ª ed. e 3ª ed.), *Meditação sobre o mundo moderno* (1942), *Mitos de nosso tempo* (1943), *O crítico literário* (1945), *O espírito e o mundo* (1936), *O problema do trabalho* (1947), *Pela cristianização da idade nova* (1946) e *Primeiros estudos* (1948).

de Figueiredo e Dom Sebastião Leme, então cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. Era uma espécie de “diário oficial” dos intelectuais católicos do Rio de Janeiro, que, em 1922, se congregaram em torno do Centro Dom Vital. Com a trágica morte de Jackson por afogamento, em novembro de 1928, Alceu Amoroso Lima assumiu a direção da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. Neste jornal, Murilo publicou alguns de seus poemas¹⁰ e, em 1935, alguns poemas inéditos de Ismael Nery.

Na carta de vinte e três de março de 1936, Murilo menciona uma conferência próprio no Centro Dom Vital e chama a atenção para o lado “piegas” (“goffineizado”) dos católicos de Juiz de Fora. O poeta afirma a importância do catolicismo no que tange às suas escolhas estéticas (“Meu motor principal de ação católica são as obras de artistas e de escritores”):

Recebi sua carta. Ainda não marquei o dia do meu regresso. Creio que em princípios de abril. Prefiro fazer a conferência no salão do Centro D. Vidal. Terei que trabalhar em outra, pois a q. tinha escrito não me agrada mais, já se tendo passado meses. Sinto não poder assistir à sua conferência de domingo; conto ver no jornal. Não tenho tido contato com os elementos católicos daqui —mas a impressão que tenho, pelas publicações, que leio, é que o pessoal é muito goffineizado.¹¹ O córrego Henrique Magalhaes [...] reclama colaboração m/ para o jornal. Eu quase não tenho jeito para escrever artigos. Sou mesmo é dos poemas. V. sabe que minha colaboração nos jornais é muito intermitente. Meu motor principal de ação católica são as obras de artistas e de escritores. Como v. sabe vale mais agir profundamente sobre três ou quatro alunas, do que superficialmente sobre cem. Acabei de ler seus livros (ou melhor, reler) e fico sempre com esta forte impressão de sua catolicidade —o único escritor brasileiro q. consegue isto, porque os outros, em geral, descatholicizam a Igreja. (Mendes 1936)

No dia catorze de abril de 1936, Murilo menciona uma visita a igrejas barrocas em São João del Rey e Tiradentes, lamentado seu abandono e sua deturpação, causados pela “burrice das irmandades e confrarias”. Murilo se demonstra indignado, também, com as notícias de perseguições religiosas na Rússia:

Estou voltando de S. João del Rei, onde passei a semana santa. Visitei um grande reduto do catolicismo burguês. Típico. Gostei de certas igrejas, como a de S. Francisco e a matriz de Tiradentes —pena é que estejam todas, sem exceção, estragadas e deturpadas, pela burrice das irmandades e confrarias. Quanto às cerimônias da S. santa, perfeitamente

¹⁰ Por exemplo, o poema “Na comunhão dos santos”, publicado em 1938 em *A Ordem*, permaneceu inédito em livro. Há alguns versos que tocam no tema da relação entre comunismo e catolicismo: “Vejo e ouço a Juventude Operária Católica / Depondo a Teus pés os instrumentos de trabalho / E cantando em coro: ‘Operários de todos os países, / Unamo-nos no amor do Cristo Operário, no Seu e no nosso trabalho’” (Mendes 1938: 30-33).

¹¹ Conforme Isnard, citado por Rodrigues (2023): “Goffiné era o nome de um livro de orações, originário da França, que, traduzido para o português, se encontrava nas mãos das pessoas piedosas antes da divulgação do missal. Nele se encontram as interpretações piegas das partes das missas e dos paramentos, além de muita outra coisa nesta linha. Chamando de Goffiné alguém ou alguma coisa, esta já estava classificada como piegas” (Isnard 1999: 76).

goffiné. Encontrei lá uma pequena turma regularmente orientada em relação ao catolicismo, mas infelizmente sem a menor noção de liturgia. À frente se encontra o Lara Resende, que é muito seu amigo. Você tem grandes admiradores e amigos sinceros. Estou lendo hoje as “apóstrofes” do Padre Júlio María. Parece-me que o seu papel hoje é semelhante ao dele há cinquenta anos atrás. Você é uma espécie de Júlio María sem batina e sem retórica. Certas sentenças desse livro aplicam-se excelentemente à atual situação do Brasil laicizado. (Mendes 1936)

Murilo demonstra, na carta, sua indignação também com os preconceitos da ala mais progressista, entre os católicos, a qual, segundo ele, era incapaz, na época, de perceber e denunciar as perseguições religiosas que ocorriam na Rússia comunista:

Li uma crônica d’“O Globo” de ontem (7ª edição) —do José Jobim, sobre a Rússia, acho que a Cúria deveria apagar a transcrição da mesma em vários jornais, para edificação de todos aqueles (e são legião) que acreditam não haver perseguição religiosa na Rússia. De resto, o que lhe aumenta o interesse é ter sido escrita pelo José Jobim, que era até há pouco comunista. Estou com grande nostalgia de S. Bento e do nosso pequeno, mas bom grupo de rapazes católicos —pelo que conto voltar por estes dias. (Mendes 1936)

No dia cinco de janeiro de 1937, Murilo se refere ao envio de três poemas inéditos para *A Ordem*: “Alpha e Omega”, “Diante do crucifixo” e “A enseada de Botafogo”:¹²

Agradeço os votos que me endereçaste para um feliz 1937, retribuindo-os com a mesma amizade. Atendendo ao apelo que me fazes para colaborar n’ “Ordem”, venho comparecer desde já com os três poemas inéditos que junto aqui, prometendo fazer o possível para cair sempre com a m/ pequena contribuição. (Mendes 1937)

Além de um telegrama de vinte de outubro 1937, há um bilhete de treze de novembro de 1937, em que Murilo inclui o nome de Alceu entre os subscritores do livro *Poemas de Adalgisa*, a qual, escreve o poeta, “está fazendo escrita sob minha orientação e responsabilidade”. Em onze de setembro de 1938, de Juiz de Fora, Murilo demonstra a sua indignação com a saída de Alceu da reitoria da universidade do Distrito Federal:

Acabo de ser informado que abandonaste a Reitoria da Universidade do Distrito Federal. Mais uma vez prevaleceram a insídia, a mediocridade e a má-fé. Posso das testemunho pessoal do teu grande esforço de conciliação, da tua serenidade, firmeza e elevação à frente de tão difícil cargo. Os que, como tu, observam a Palavra externa: Não se poder servir a dois senhores, e que resolvem optar, sempre terão contra si o grupo dos dúbios, dos

12 O lento percurso editorial destes três poemas indica a complexidade, em geral, do processo editorial dos textos do poeta. “Alpha e Omega” foi escrito em 1936, mas, como o poeta decidiu não incluí-lo na edição de *Sinal de Deus* (1936), foi publicado somente em 1994 na edição da sua obra completa. “Diante do crucifixo” teve seu título modificado para “A Tentação” e foi publicado em *Poesia Liberdade* (1947) e “A enseada de Botafogo”, escrito em 1936, faz parte do livro *Os Quatros Elementos*, publicado junto a *Mundo enigma* (1945).

covardes e dos incolores. Mês pêsames à Universidade e à cultura brasileira. Podes fazer desta o uso que julgares conveniente. (Mendes 1938)

No dia vinte de setembro de 1938, de Juiz de Fora, escreve:

Soube pelos jornais da manifestação que lhe fizeram há dias, embora distante, associo-me de todo o coração à mesma, resumindo numa palavra o que penso a teu respeito: que és um homem verdadeiramente apostólico. Confirmando m/carta de 12 a propósito de tua saída da Universidade. (Mendes 1938)

Na carta do dia dez de maio de 1939, na qual Murilo cumprimenta o crítico com “Viva Cristo rei”, o poeta menciona um caso que envolveu a mãe do pintor Candido Portinari e o padre da cidade de Brodowski:

Há vários dias que procuro em vão me comunicar com v., mas nem na sua casa, nem no escritório nada sabem (aparentemente) de suas descidas e subidas, nem o seu endereço em Petrópolis. Afinal, obtive este com o Otávio de Faria e resolvi escrever-lhe sobre o caso do Vigário de Brodowski, padre Sócrates. A situação, segundo o Portinari, piora dia a dia. Ele me contou que a velha mãe dele foi para a cama há 8 dias, depois de ter ouvido o padre dizer coisas horríveis do púlpito, contra pessoas da família dela, o Portinari pede-lhe a grande caridade de ir, v., ao Núncio, dispensável a presença dele, pois não quer parecer que está fazendo carga contra o padre —estou certo de que, graças à sua atuação, o padre será transferido, pedindo-lhe encarecidamente procurar o Núncio, caso possível, logo que receba esta. O Portinari está nervosíssimo, e eu, sumamente aborrecido com este caso. Hoje copiei 2 poemas para *A Ordem* e vou leva-los ao Lauro, pois devo assistir à aula de Dom Martinho. (Mendes 1939)

Há uma carta da década de 40 na qual Murilo pede para Alceu lhe emprestar o artigo do jornalista francês Charles Loiseau —publicado em *Europe Nouvelle*— sobre a “Igreja e o Soviet”, que Austregésilo de Athayde lhe havia enviado. Murilo comunica que estava escrevendo um livro para crianças e acrescenta: “Desejo que v. dê uma contribuição —algum dito pitoresco, interessante, de crianças, ou alguma história que encena algum ensinamento”. Há um telegrama, sem data, assinado por Murilo e por Adalgisa Nery de felicitações por uma nomeação de Alceu nos anos trinta. Além do bilhete do dia dez de setembro de 1941, há uma carta do dia vinte e sete de junho de 1943 em que Murilo pede ajuda para o seu irmão Paulo ocupar a vaga de médico na caixa de aposentadorias e pensões da Central do Brasil e conclui: “gostaria de ler seu livro sobre a Igreja e o Novo Mundo”. No dia primeiro de dezembro de 1943, do sanatório Bela vista, em Correias, onde estava internado para se cuidar de tuberculose, Murilo comunica a notícia de seu noivado com Maria da Saudade Cortesão:

O fim principal desta é comunicar-lhe que Maria da Saudade e eu contraímos casamento. Ela é uma mulher excepcional – e trouxe um grande equilíbrio e harmonia à minha vida. Se eu a tivesse conhecido há 10 anos atrás!... Mas Deus sabe o que faz, não adianta lamentar. Tenho o maior interesse em conhecer o texto da conferência do Padre Sivets —“a biologia aristoteliana à luz dos manuscritos antigos”— e lhe agradeceria muito se v. providenciasse

—com a sua solicitude costumeira— para que ele me fosse remetido. Gostaria também de ter o folheto com a encíclica sobre o Corpo místico —a outra creio que ainda não saiu— e os nos. de set. e out. da *Ordem* —se não é pedir demais.. eu teria muito prazer se v. telefonasse a Saudade à propôs de fiançailles. E ela também certamente Quando vir com mais vagar a Petrópolis, venha visitar-me. (Mendes 1943)

No dia trinta e um de março de 1945, Murilo faz referência à tradução do livro de Frei Kao:

Recebi ontem sua curta carta datada de 20. Terei prazer em aceitar a incumbência da tradução do livro de Frei Kao, se o meu estado de saúde continuar a permiti-lo. Se a empresa não tiver muita pressa da tradução, espero poder entrega-la dentro de 3 ou 4 meses. Li seu belo artigo sobre o Sobral, pedindo-lhe abraçar em meu nome esse nosso amigo. (Mendes 1945)

As cartas representavam o meio mais prático para se pedir ajuda de ordem pessoal, conforme a missiva do dia vinte e nove de novembro de 1945, na qual Murilo solicita a Alceu que interaja com um contato, no próprio Vaticano, para tentar localizar a filha de uma amiga, que havia viajado para a Europa e que estava, então, desaparecida:

Tenho o prazer de lhe apresentar minha distinta amiga Mlle. Zoé Brandt, que, de resto, estou certo de que v. conhece do 64, Marques de Abrantes. Mlle. Brandt deseja que v. intervenha junto do Núncio Apostólico para que este, por sua vez, intervenha junto do Vaticano, na esperança de que sua amiga Madame George Rolfe obtenha notícias de sua filha que foi para a Europa há muito tempo; e também notícias de sua própria família. Como v. sabe, o Vaticano mantém um serviço de notícias de pessoas cuja situação foi complicada pela guerra, tendo naturalmente toda a facilidade de se dirigir aos governos dos países em que se supõe estarem as pessoas a que ora me refiro, e pelas quais Mlle. Brandt particularmente se interessa. Estou certo de que ao seu humaníssimo coração, tão sensível, muito tocará a angústia de Mme. G. Rolfe, que está vivendo um drama terrível de incerteza —e também a de Mlle. Brandt— e que por isso v. fará o que estiver ao seu alcance para suavizar sua situação. (Mendes 1945)

Em quatro de maio de 1948, Murilo se refere a um artigo de *A Manhã*:

Conforme prometi, envio-lhe junto o artigo sobre São Paulo, reproduzido de *A Manhã*, em edição aumentada de erros de revisão. Caso queira, pode dá-lo em *A Ordem*. Já está publicado o 2º da série; logo que receber o recorte, tratarei de lho enviar. Você tem livros ou estudos sobre São Felipe Neri? (Mendes 1948)

Em dez de maio de 1948, o poeta alude novamente ao artigo sobre o apóstolo São Paulo:

Também eu verifico com surpresa que não sou sócio do Centro... Há vários anos atrás, lembro-me, pedi minha inscrição. É verdade que nunca me haviam cobrado a taxa mensal. Mas como essas coisas no Brasil são sempre desorganizadas... mandei-lhe há dias pelo correio o 1º artigo da série s/ São Paulo. Estou lendo um livro extraordinário: “Le Seigneur”, de Romano Giardini. Isto é que é mesmo uma revolução. (Mendes 1948)

Há um cartão dos anos 40 em que Murilo agradece Alceu pelas felicitações recebidas em seu aniversário. Em vinte e dois de maio de 1948, o poeta solicita, mais uma vez, a ajuda do crítico para que interceda ajudando a poetisa francesa radicada no Brasil, Béatrix Reynal, num caso jurídico que ameaçava despejá-la de sua habitação:

Não preciso lhe apresentar Béatrix Reynal. Conheço-a há mais de 20 anos e fui testemunha pessoal do que ela fez de bom, de generoso, devido ao seu desprendimento e ao seu coração. Gastou milhões em donativos. Tem um fundo de simplicidade e de pureza, e, na sua sublime loucura, entregou-se à causa da França, na qual despendeu uma grande fortuna. Agora querem executar sua bela casa no Leblon – casa que durante anos e anos abrigou quase todos os intelectuais brasileiros. Estes resolveram dirigir um apelo ao S. Wenceslau Braz, presidente do Banco de Itajubá para que seja sustada a penhora, dando-se o prazo de 1 ano a Béatrix para refazer suas finanças. É ocioso acrescentar que sua assinatura é indispensável em tal documento, e que você, pela sua força moral, se imporá à consciência do S. Wenceslau. Não preciso dizer mais nada, pois conheço bem meu querido Alceu. (Mendes 1948)

Em quinze de junho de 1950, Murilo se refere à viagem de Alceu à Europa e lamenta o fato de não ter conseguido assistir a uma conferência do crítico sobre Georges Bernanos. O poeta menciona o poema “Romance da visitação”, publicado primeiro em jornal e, em seguida, no livro *Contemplação de Ouro Preto* (1954):

Devolvo-lhe o livro que você me emprestou antes de ir à Europa. Muito grato. Fiquei desolado ao saber no dia seguinte! —que você fizera uma conferência sobre Bernanos. Tanto me interessava! É óbvio que desejo muito conversar com você sobre sua viagem (embora tenha lido todos os seus excelentes artigos) sabendo entretanto como é precioso o seu tempo, receio sempre convoca-lo. Caso tenha visto o meu “Romance da Visitação”, que saiu no *Jornal de Letras*, que traz sua entrevista, rogo-lhe o favor de anotar: onde se lê “com palavras de humanidade” (18º verso da última coluna, leia-se: “com palavras de humildade”). (Mendes 1950)

Em vinte de janeiro de 1952, Murilo menciona uma carta que Alceu, segundo Jorge de Lima, teria enviado ao poeta mineiro, o qual, todavia, não a recebera. Murilo alude a uma viagem a São Paulo e faz referências a duas de suas maiores paixões musicais, Bach e Mozart:

Há muito que estou para lhe escrever, mas todo o tempo é pouco quando se tem uma casa a instalar sobretudo no Rio de hoje. Jorge disse-me que v. me escreveu uma carta pelo meu cinquentenário. Não a recebi, mas de qualquer maneira agradeço-lhe a bondade. A casa de Ibituruna foi demolida em fevereiro, depois fomos para S. Paulo onde passamos meses, depois pa. um hotel, de sorte que ma. correspondência se extraviou. Só no fim do ano o edifício ficou pronto, foi uma luta medonha mas enfim estamos instalados à Rua Farani 61, apto 514 —numa zona onde vivi grande parte da minha vida. Meu quarta dá pa. a enseada de Botafogo, o “living” também. Espero que breve possamos ter a alegria da sua visita com Maria Tereza, num fundo musical de Bach e Mozart. (Mendes 1952)

Na continuação da epístola, Murilo declara sua amizade pelo crítico, e a sua admiração pela fé de Alceu e pelo valor de seu trabalho como crítico militante. Há referências, também, a personagens do meio católico, frequentados por Murilo e por Alceu:

Todos os seus amigos sentem muito sua falta, é supérfluo dizer. Em todo caso, além da presença espiritual, temos o contato dominical com seus artigos, sempre tão vivos. Há dias, almoçando em S. Bento, tive ocasião de conversar longamente s/ você, com Hildebrando. Falamos muito também da admirável vocação de Lia. Colho o ensejo para enviar-lhe, e a Maria Tereza, meus vivos parabéns por essa grande graça que receberam. Tive muita vontade de ir assistir à tomada de hábito da Lia, mas com a questão da instalação foi-me impossível. Podem entretanto estar certos de que participei espiritualmente deste grande fato. (Mendes 1952)

Em seguida, o poeta lamenta o clima de decadência cultural no Brasil, com o avanço da indústria cultural (“best-sellers” e “histórias em quadrinhos”), mencionando como exemplo da crise uma situação ocorrida com Mário Pedrosa, o qual teria sido reprovado num concurso universitário diante de uma banca não habilitada academicamente. Através de um tom agressivo, o poeta demonstra uma faceta típica de sua produção poética: a crítica social. Para ele, havia uma regressão moral em curso, na sociedade da época, caracterizada pela “regressão política, pelo indiferentismo cultural e religioso, a vulgaridade dos costumes, o cafajestismo, a boçalidade, o mercantilismo, a ganância”. A crítica ao consumismo, um dos temas de destaque de *Ipotesi*, sua última obra poética, escrita em italiano e publicada póstuma, em 1977, já havia sido realizada, com veemência nesta carta a Alceu de 1950:

Quando é que contam voltar? Como sabem, o ambiente do Brasil é péssimo. Tudo o que há em mim de humano e terrestre se revolta —até o nojo— contra o que se passa em nosso país. A involução moral, a regressão política, o indiferentismo cultural e religioso, a vulgaridade dos costumes, o cafajestismo, a boçalidade, o mercantilismo, a ganância —que direi mais?— formam um quadro que positivamente não seduz ao espírito. Entretanto penso às vezes: é preciso amar este povo e esta gente, assim mesmo como é, assim mesmo como os fizeram o erro e o atraso dos homens... como seria muito mais fácil amá-los se todos fossem finos, sensíveis, compreensivos, sem ganância, disciplinados! Etc. quanto a publicações interessantes do Brasil, suponho que v. receba tudo o que conta. Não preciso por v. ao par do que se passa em nossos meios culturais, a crise universitária, a crise do livro, o avanço dos “best-sellers” e das histórias de quadrinhos etc. ainda há dias assistimos ao concurso do Mário Pedrosa, perante uma banca de 5 examinadores; 3 deles se declaram praticamente incompetentes, vista a novidade do assunto no Brasil, a “Gestalt”. Pois então não deveriam se eximir de fazer parte da banca?... Ele (Mário), perdeu, como v. deve saber, para o filho do Flexa Ribeiro. (Mendes 1952)

Em seguida, Murilo pede informações sobre o trabalho do crítico, menciona o prêmio Fábio Prado recebido por Maria da Saudade pelos seus poemas e alude aos trabalhos de seu sogro, Jaime Cortesão, sobre Alexandre Gusmão e sobre a história do Brasil:

E v. como vai no seu trabalho? Não sei bem do que se trata —sei por alto— mesmo porque infelizmente não leio inglês, embora tenha tido excelente base —mas há muito tempo abandonei esse estudo, porque implicava com a pronúncia. Gostaria de saber do que tem feito, e se tem colhido rendimento grande do seu trabalho. Saudade —que se recomenda muito ao casal— recebeu o prêmio Fábio Prado da Associação brasileira de escritores, contra 82 concorrentes (poesia) —estou tratando da publicação do livro, que é belíssimo (opinião de poeta não de marido). Meu sogro, depois de terminar sua grande obra sobre Alexandre de Gusmão, começou agora a história do Brasil pela cartografia. Mora na rua Paissandu, aqui pertinho, e lhe manda recomendações por meu intermédio. (Mendes 1952)

Conforme o próprio Murilo afirmou em 1971,¹³ entre 1953 e 1955 ele proferiu palestras, em francês, nas universidades de Bruxelas, Louvain, Amsterdam e Paris, sobre temas de cultura brasileira. Na carta de Bruxelas, de quatro de dezembro de 1953, Murilo, ao parabenizar o amigo pelo dia de seu aniversário, demonstra o seu afeto:

Por ocasião da passagem do seu 60º aniversário é-me grato mandar-lhe o mais afetuoso abraço de parabéns. Todos os seus amigos e admiradores, todos os que acompanham de perto a sua obra agradecerão certamente à Providência por haver suscitado um homem da sua qualidade nesse Brasil onde os valores morais e acham tão ameaçados. É muito raro entre nós um home, que reúna tão grande número de qualidades positivas, consagradas, além de tudo, pela sua catolicidade. Essas coisas não se dizem diretamente todos os dias, mesmo às pessoas excepcionais. Mas também não é todo dia que se faz 60 anos... que valem por 120. (Mendes 1953)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexa relação entre religiosidade e poesia na obra de Murilo Mendes, conforme resulta evidente a partir da leitura das cartas, passa por diferentes facetas: o antifascismo e a crítica social, a busca pela transcendência e pelo mistério, a relação com o surrealismo e com o “essencialismo”. Se o espiritualismo católico levou, no Brasil dos anos 1930, à “simpatia pelas soluções políticas de direita, e mesmo fascistas, como foi o caso do integralismo” (Candido 1987: 188), podemos afirmar que o catolicismo de Murilo Mendes se apresenta de forma herética nas cartas escritas para Alceu.

O catolicismo o interessa do ponto de vista estético no que diz respeito a uma atmosfera apocalíptica, conforme a carta do dia vinte e sete de fevereiro de 1931, na qual o poeta justifica a sua criação de poemas-piada da seguinte maneira: “exercito sempre assuntos ligeiros, que é para não ficar muito pesado na horinha do apocalipse”. Se a proximidade com o surrealismo se dá pelo plano do transcendente, a relação com o “essencialismo” deve ser entendida sob o plano da universalidade, alcançável através da “abolição dos limites de espaço e tempo”. A universalidade, nos anos seguintes, representa, de fato, um dos pontos centrais da poética do autor, que mereceria um aprofundamento à parte.

13 No texto “Murilo Mendes por Murilo Mendes”, escrito em 1971 e publicado em 1994.

A terceira característica do catolicismo do poeta é a sua constante reflexão crítica sobre as injustiças sociais. A religião, nesse sentido, se configura como uma forma de valorização da transcendência diante da mercantilização da sociedade. A carta do dia vinte de janeiro de 1952 é explícita:

A involução moral, a regressão política, o indiferentismo cultural e religioso, a vulgaridade dos costumes, o cafajestismo, a boçalidade, o mercantilismo, a ganância —que direi mais?— formam um quadro que positivamente não seduz ao espírito. (Mendes 1952)

A poesia na vida moderna, ameaçada pela ganância do sistema capitalista, pode encontrar no plano transcendental uma forma de resistência da fantasia frente à racionalização e padronização da sociedade. Outro exemplo é a carta do dia vinte de janeiro, na qual o poeta menciona o advento da indústria cultural no Brasil, com a publicação massiva de best-sellers e revistas em quadrinhos.

No artigo “Cristo companheiro”, publicado em 1944, Murilo aprofunda seu posicionamento católico antifascista, ao relacionar o advento das ditaduras modernas com a “hipnotização das massas”. Ricas de referências a figuras do meio artístico-intelectual (Candido Portinari, Mário Pedrosa, Jaime Cortesão, Jorge de Lima, Ismael Nery, Adalgisa Nery, George Bernanos), as cartas são importantes por esclarecer diversos dados relativos à biografia e à publicação de textos dos dois autores, tais como a conversão, o noivado, o internamento em sanatório, a viagem à Europa de Murilo Mendes; em relação a Alceu Amoroso Lima, as cartas aludem a publicações, palestras e eventos acadêmicos, a seu cargo de diretor do jornal *A Ordem* e do Centro Dom Vital, ao cargo de reitor na Universidade de Brasília e à sua viagem à Europa. Enfim, as cartas apontam para a relação de amizade e de troca intelectual entre duas figuras fundamentais da literatura brasileira do século XX, representando um material rico para a interpretação de diversas questões linguísticas e literárias da obra dos dois autores, e para a reconstrução do contexto histórico e cultural do país entre as décadas de 1930 e 1950.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, Mário de (1946), “A poesia em Pânico”, em *O empalhador de passarinho*, Andrade, Mário de (ed.), São Paulo, Martins, pp. 45-52.
- Andrade, Mário de (1972), “A poesia em 30”, em *Aspectos da literatura brasileira*, Andrade, Mário de (ed.), São Paulo, Martins, pp. 27-45.
- Araújo, Laís Corrêa de (2000), *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*, São Paulo, Perspectiva.
- Candido, Antonio (1987), “Poesia e ficção na autobiografia”, em *A educação pela noite e outros ensaios*, Candido, Antonio (ed.), São Paulo, Ática, pp. 51-78.
- Cavalcanti, Luciano Dias (2021), “O sagrado, o profano, a memória e a poesia: figurações da musa na poesia de Murilo Mendes”, *Literatura em Debate*, 16(28), 115-133.
- Delamare, Alcebíades (1934), “Problema do comunismo”, *O Jornal*, p. 3.

- Grieco, Agrippino (1931), "Dois poetas", *O Jornal*, p. 5.
- Guimarães, Júlio Castañon (1993), *Territórios/ Conjunções: poesia e prosa críticas de Murilo Mendes*, Rio de Janeiro, Imago.
- Guimarães, Júlio Castañon (2004), *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Isnard, Clemente (1999), *Dom Martinho*, Rio de Janeiro, Lumen Christi.
- Mendes, Murilo (1938), "Na comunhão dos santos", *A Ordem*, 30-33.
- Mendes, Murilo (1944a), "Um 'político da poesia' e os problemas do homem e da criação intelectual", *A Manhã*, p. 6.
- Mendes, Murilo (1944b), "Cristo e tradição", *A Manhã*, p. 4.
- Mendes, Murilo (1944c), "Cristo companheiro", *A Manhã*, p. 4.
- Mendes, Murilo (1994), *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar.
- Mendes, Murilo (1996), *Recordações de Ismael Nery*, São Paulo, Edusp.
- Morais, José Mariz de (1935), "Poesia eterna", *O Jornal*, p. 3.
- Moura, Murilo Marcondes de (1995), *Murilo Mendes: a poesia como totalidade*, São Paulo, Edusp.
- Oliveira, Lúcia Lippi (1990), *A questão nacional na primeira república*, São Paulo, Brasiliense.
- Rodrigues, Leandro Garcia (2023), "Cartas de Alceu e Murilo Mendes: religião e vida literária", em *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*, Rodrigues, Leandro Garcia (ed.), Belo Horizonte, Relicário, pp. 221-236.
- Stegagno Picchio, Luciana (1994), "Notas e variantes", em *Poesia completa e prosa*, Mendes, Murilo (ed.), Rio de Janeiro, Nova Aguilar.



© Raphael Salomão Khéde, 2024.

Llevat que s'hi indiqui el contrari, els continguts d'aquesta revista estan subjectes a la [licència de Creative Commons: Reconeixement 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).